



"O engenheiro florestal olha o que deve ser preservado"

A engenheira florestal Arlet de Almeida, que já foi secretária municipal do Meio Ambiente por 40 dias, é a entrevista de João Umberto Nassif

A Engenheira Florestal Arlet Maria de Almeida é natural de Piracicaba onde nasceu no dia 20 de abril de 1949, no Bairro Alto. É filha de João Cassemiro de Almeida Filho e Maria Fantazia de Almeida, que tiveram ainda os filhos Aracy e João Marcos. Arlet foi eleita pela Associação Paulista de Engenheiros Florestais (Apaf) a Engenheira Florestal de 2015.

“Você iniciou seus estudos em qual escola?”

Foi no Grupo Escolar Alfredo Cardoso. Quando iniciei tinha menos de sete anos, por dois meses, até completar os sete anos, o corpo docente da escola tinha muito cuidado para evitar que eu fosse notada nas visitas feitas por representantes da Delegacia de Ensino. Era uma exigência que o aluno só a partir dos sete anos frequentasse a escola.

“Lembra do nome da sua primeira professora?”

Foi Sábina Barbosa. Também professora mais exigente, mais brava da escola, mas era uma grande professora. No segundo ano tive aula com outra professora, cuja fisionomia lembro-me perfeitamente, apenas o nome não me recordo. No terceiro ano tive aulas com a Lourdes.

“Onde estudou o curso ginásial?”

Lá só havia o curso primário, fui estudar no Ginásio José Romão, na Vila Rezende. Morava na Rua Alfredo Guedes, atrás da Igreja Bom Jesus.

“É uma distância considerável entre a sua casa e a escola José Romão, como você ia lá?”

Eu ia de Centro, a pé, lá pegava o bonde. Na volta fazia o percurso contrário, vinha de bonde o Centro e depois ia a pé até a minha casa. Minha irmã Aracy e eu fazíamos esse mesmo percurso, juntas. Era ótimo, não havia perigo nenhum. Estudávamos na parte da tarde. Levávamos a merenda. Lá estudei dois anos. Ai passei a estudar no Colégio Piracicabano, na Rua Boa Morte. No Colégio Piracicabano estudei até a oitava série, concluí o ginásio lá.

“De lá você foi estudar em qual escola?”

Fui estudar na Escola Normal Rural que funcionava nas dependências da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), ficava próxima ao prédio da Zootecnia. Era uma escola do Estado. O objetivo era formar professoras para lecionar na zona rural. Acredito que já nessa época minha mãe veio do lado rural, ambiental, estava se manifestando. Concluí a Escola Normal Rural, mas não me senti atraída em lecionar.

“Você continuava morando no mesmo lugar?”

Morava na mesma casa, ia de bonde para a Escola de Agronomia, naquela época não havia essa história de pai ou mãe levar seu filho até a escola.

“Nessa convivência você acabou encantando com a Esalq?”

A Escola é encantadora! Esses três anos em que frequentei a Escola Normal Rural fez-me decidir, pensava: "Quero estudar aqui!" Fui fazer cursinho preparatório para o vestibular, no CLQ. Foi em seu início, começamos a ter aulas no antigo prédio da Zootecnia, logo na entrada da Esalq. Depois passou para o prédio da Mecânica, que costumamos chamar de "Maracanã". Tínhamos aulas a noite.

“Você lembra do nome de alguns professores da época?”

Lembro-me. Foi fundado em 1961 pelo diretor professor Shunhiti Torigoi que ensinava física, José Arthur de Andrade lecionava Biologia, Antonio Carlos de Mendes Thame, lecionava português, Newman Ribeiro Simões, ensinava matemática, Juan Sebastian lecionava química. Wilson Saito, no início trabalhava na secretaria. Eles eram engenheiros agrônomos, talvez alguns ainda estudavam na Esalq.

“As cidades precisam de uma arborização de grande porte”

Tínhamos que aprender em um ano o que todos que fizeram o curso colegial aprenderam em três anos. Estudamos muito, muito mesmo. Eu estudava na Esalq passando o segundo ano. A minha amiga formou-se em Agronomia. Quem desejou pode fazer uma especialização em uma área que escolher. A pessoa irá fazer um curso de pós-graduação. O que aconteceu comigo foi que eu estava passando o segundo ano. A minha amiga formou-se em Agronomia e eu queria fazer Silvicultura. Na época era matéria optativa.

“A Silvicultura aborda qual área?”

A silvicultura é a cultura de árvores. Na época tinha a Silvicultura I, II e III. Quando fui fazer a matrícula, pelo fato de ter sido criado o curso de Engenharia Florestal, os alunos de Agronomia não podiam mais fazer Silvicultura. Se eu quisesse fazer Silvicultura tinha que passar para Engenharia Florestal. Mudei. Foi assim que entrei em Agronomia e saí como Engenheira Florestal. Hoje eu faz o vestibular para Engenharia Florestal.

“Foi um ato de coragem da sua parte em decidir por uma área totalmente nova.”

Foi. Eu tinha muita segurança de que queria fazer essa parte de árvores.

“Esse seu interesse pelas árvores surgiu como?”

Não sei. Acho que foi dentro da própria Esalq. Não sei explicar muito bem esse meu interesse pelas árvores, pelo ciclo, como acontece. Se é através de semente. Como é a polinização. Como é a florada. Entrei na Esalq em 1970, essa minha decisão foi em 1972. Faz mais de quarenta anos.

“Hoje às vezes chega a ser até um modismo essa demonstração exacerbada, algumas vezes sem nenhum fundamento científico, a pessoa dizer-se defensora do verde, das árvores.”

Naquela época não era. Hoje é muito modismo, embora seja uma moda necessária, as pessoas estão mais sensíveis, mais conscientes, com relação a esse assunto. Até mesmo em função da necessidade que estamos vendo. Eu queira estudar esse assunto, na época achava interessante. Na época o curso tinha a duração de quatro anos, atualmente são cinco anos. Formei-me na turma de 1973.

“Ao concluir seu curso qual foi seu primeiro emprego?”

Fui trabalhar na Prefeitura de São Paulo, na Regional de Vila Prudente. Aprendi muito lá, foi uma grande experiência. Na época Vila Prudente tinha 400.000

habitantes, maior do que é Piracicaba hoje.

“Quais eram os maiores problemas que você encontrava dentro da sua área?”

Vila Prudente na época era periferia de São Paulo, era uma região muito carente de sistemas de lazer, de áreas verdes, de arborização urbana.

“A sua área não envolve apenas a árvore, mas o conjunto árvore, meio ambiente, o homem.”

Essa parte da Engenharia Florestal dentro da cidade é chamada de Silvicultura Urbana. É um termo bem consagrado. É a cultura de árvores nas zonas urbanas. Isso é um problema muito sério digamos em 99,9% dos municípios do nosso país. Infelizmente.

“Você permaneceu em São Paulo quanto tempo?”

Eu fiquei lá quase três anos. Vim trabalhar na Prefeitura de Piracicaba onde permaneci até me aposentar.

“Aqui você se casou?”

Casei-me, tive dois filhos João e Ricardo.

“Entre as suas realizações uma delas é a arborização do Teatro Municipal Losso Neto?”

Na época consegui fazer um trabalho muito bom, conseguimos comprar plantas boas, o que não era habitual na prefeitura. Hoje infelizmente foi muito mutilado. Aquela estrutura verde, arbórea ainda permanece. Muita coisa foi tirada, cortada. Houve muitas intervenções que descaracterizaram o projeto original.

“Você tem outros projetos marcantes?”

Fiz muitos projetos na prefeitura, cuidávamos muito da manutenção da cidade. Dentro da Secretaria de Meio Ambiente se cuida muito da manutenção das áreas. É um dia-a-dia de limpar, cortar, arrumar, plantar, podar. É quase um serviço de dona de casa na cidade, não tem fim. Não aparece, é com um grão de areia em uma praia. A necessidade é tão grande e se tem tanta gente. Diga-se de passagem, que em Piracicaba conseguimos fazer muita coisa. Quando entrei na prefeitura não existia a Secretaria de Meio Ambiente. Era um setor dentro da Secretaria de Obras. Com muita conversa, conseguimos criar a Secretaria de Serviços Públicos que depois passou a ser a Secretaria de Meio Ambiente. Mas tudo isso tem um tempo, um processo de maturação. Um processo de convencimento.

“Você chegou a ser secretária?”

Fui Secretária em um momento em que a Secretária da época se afastou para ser candidata a um cargo eletivo, eu substituí por quarenta dias. Foi em um período em que a prefeitura estava em greve, foram quarenta dias extremamente difíceis.

“O viveiro que você implantou comportava quantas mil mudas?”

Uma coisa é que ele produz, outra é a capacidade que ele tem para produzir. É um viveiro com capacidade para 500.000 mudas. Para a cidade não é muito para uma cidade do tamanho de Piracicaba. Tanto é que ele não consegue atender a demanda.

“Quem planta essas mudas, o particular ou a prefeitura?”

Quem deve plantar é a prefeitura. Muitas vezes as pessoas vão lá pegar uma muda e querem plantar.

“Com relação ao plantio de árvores deve haver uma orientação técnica? E como cachorro de grande porte que é muito bonitinho enquanto é novo, mas impossível de se manter em um ambiente pequeno?”

É o caso de uma siringueira em área urbana, não pode se pensar o que está errado. Não foi plantado o que tinha. Você irá encontrar siringueiras, flamboyant, hoje não se planta mais esse tipo de coisa. Do ponto de vista ambiental, as cidades precisam de uma arborização de grande porte. Isso se você quiser ter resultado do ponto de vista da temperatura ambiente. Uma árvore com um ou dois metros não irá proporcionar uma copa que interfira em tudo isso. A relação do verde com as áreas de concreto, as áreas impermeabilizadas é absolutamente desproporcional. Essas áreas de concreto, asfalto, durante o dia retém o calor. Quando chega a noite esse calor irá ser emanado. Teríamos que ter uma arborização intensa para ter influência no clima da cidade.

de árvores deve haver uma orientação técnica? E como cachorro de grande porte que é muito bonitinho enquanto é novo, mas impossível de se manter em um ambiente pequeno?

É o caso de uma siringueira em área urbana, não pode se pensar o que está errado. Não foi plantado o que tinha. Você irá encontrar siringueiras, flamboyant, hoje não se planta mais esse tipo de coisa. Do ponto de vista ambiental, as cidades precisam de uma arborização de grande porte.

Isso se você quiser ter resultado do ponto de vista da temperatura ambiente. Uma árvore com um ou dois metros não irá proporcionar uma copa que interfira em tudo isso. A relação do verde com as áreas de concreto, as áreas impermeabilizadas é absolutamente desproporcional.

Essas áreas de concreto, asfalto, durante o dia retém o calor. Quando chega a noite esse calor irá ser emanado. Teríamos que ter uma arborização intensa para ter influência no clima da cidade.

“E as árvores plantadas em calçadas?”

A pessoa faz calçada, aí faz uma caixinha de quarenta centímetros de largura por quarenta centímetros de comprimento e quer colocar uma árvore lá dentro! E não quer que esteja calçada. Não é a árvore que está errada. Você tem que ter um espaço maior para a árvore poder se desenvolver. Isso é um lado da questão. Outro lado é a fiação elétrica. Por que nós temos que ter essa fiação que é uma poluição visual absurda? O que sempre escutam é que não dá para fazer fiação e se tem tanta gente. Hoje esse custo é muito menor, mas se não quer embutir, vamos pelo menos compactar. Existem técnicas

“A falta de água é uma consequência do mau uso do solo”

Se você, mesmo pela realidade ver a Represa Cantareira não ver uma árvore em volta do Cantareira.

“O que faltou? Planejamento?”

Planejamento e as autoridades competentes investir nisso. Quando você fala em tecnologia de produtos florestais o que estudamos nisso? O que a gente trabalha? Trabalhamos com madeira para construção, com produção de resina, celulose. O Brasil é o país que mais exporta celulose. As florestas plantadas protegem as florestas nativas. A necessidade de madeira é uma realidade, não há como negar. A população cresce, precisamos desses produtos. Quando ocorre o plantio de eucalipto você não está mexendo nas florestas nativas. A floresta nativa tem que estar em pé e nós entendermos que ela pode nos fornecer inúmeros produtos. E isso ser rentável para o país.

“Mito ou verdade: há afirmações de que o eucalipto 'puxa' a água do solo”

O eucalipto tem um crescimento rápido, existem estudos que afirmam que quando há um sistema equilibrado essa água não irá diminuir. O problema é que as pessoas não plantam, não conservam as nascentes, depois plantam o eucalipto e passa a ser o culpado.

“Estou falando com uma Engenheira Florestal e o assunto está se encaminhando para a água, são temas que tem muita relação?”

Estou falando com uma Engenheira Florestal e o assunto está se encaminhando para a água, são temas que tem muita relação?



“Os rios da Bacia do Rio Piracicaba estão piorando”, alerta Arlet

“Uma usina de cana-de-açúcar, que planta grandes extensões, faz isso?”

Infelizmente ela não faz, mas deveria fazer. Quando esses ecossistemas funcionam você não terá problema de falta de água. Sem água você não terá nada. A relação floresta-água é diretamente proporcional. Se não existir um sistema florestal adequado, não haverá polinização. Sem polinização não há cultura. Não é o caso da abelha, insetos, borboletas. O ecossistema florestal precisa funcionar. Basta ver a situação que estamos com relação à água.

“É uma consequência desse descaço a proteção das nascentes?”

Com certeza! A falta de água é uma consequência do mau uso do solo.

“O próprio Rio Tietê, em São Paulo, há 60 anos era utilizado por nadadores. Hoje se cair no Rio Tietê o risco de contaminação é elevado.”

Pode até mesmo ocorrer o risco de morte por contaminação. A natureza sempre foi muito desrespeitada. Ela retribui, com certeza. Estou sempre falando em plantios homogêneos, ou seja, de uma espécie só. São plantios que vou fazer para colher. Não é floresta nativa, que tem várias espécies. Outro fator dos sistemas é a biodiversidade. Nesse aspecto já perdemos muita coisa. Perdemos coisas que nem sabemos que existia.

“A seu ver, já as escolas primárias deveria ser dada a noção de responsabilidade com a natureza?”

Sem dúvida! Acredito que já é dada alguma coisa. Já foi muito pior. Isso precisava ser mais prático, levar a criança para ver. Nós fizemos em uma época um trabalho no viveiro de mudas da prefeitura, recebíamos todo dia os alunos de uma classe de uma escola. Houve uma época em que até recebíamos dias, uma pela manhã e outra à tarde. Foi um trabalho maravilhoso, chegamos a receber 10.000 alunos por ano. Mostrávamos ao aluno desde a semente, todas as fases da muda, e depois mostrávamos no viveiro mesmo algumas árvores adultas. Eles ficavam absolutamente encantados. Ver uma sementinha de uma paineira depois olhava para aquela paineira. Dizíamos que dentro daquela sementinha existia aquela árvore. (Continua)